

Turistas e moradores locais: Uma reflexão teórica dessa relação

Luana Maria Baldissera¹
Miguel Bahl²

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Resumo: Os moradores locais trabalham nos equipamentos que oferecem os serviços aos turistas, por outro lado, os turistas se deslocam aos destinos por diferentes motivações e acabam usufruindo destes serviços, ocasionando uma relação entre turistas e moradores. O presente artigo tem como objetivo realizar uma reflexão teórica da relação existente entre esses dois grupos. A metodologia aplicada ocorreu de forma bibliográfica e documental, tendo como base assuntos como: a relação desenvolvida entre os moradores e os turistas, os impactos gerados por ela e a exposição de exemplos de comunidades que souberam trabalhar positivamente essa situação. O resultado observado foi o de que através desse contato, principalmente econômico, ocorrem impactos positivos e negativos.

Palavras-chave: Atividade turística; moradores locais; turistas; impactos.

1 INTRODUÇÃO

Ao visitar um destino o turista se depara com pessoas que trabalham para melhor atendê-lo, tentando lhe proporcionar satisfação, para que ele volte até o local mais vezes. Essas pessoas são conhecidas como moradores do local, que normalmente trabalham muito, por uma remuneração baixa, vendo seu ambiente e seu modo de vida mudar de repente por, ou em razão da visita de pessoas que eles nem mesmo sabem quem são e de onde vêm.

A partir do momento em que o turista decide viajar, ele imagina o lugar que visitará, o que encontrará nos atrativos, em quais restaurantes irá comer e em que local irá se hospedar. Mas será que é importante para ele conhecer quem vive no destino? Quais são suas tradições? Suas expectativas? Responder a essas perguntas não é fácil, já que depende de pessoas com diferentes pensamentos e interesses, gerando uma relação a qual na maioria dos casos, umas pretendem se beneficiar economicamente e outras usufruir do ambiente em que se encontram.

¹ Mestranda e bolsista CNPQ/Reuni no Programa de Pós-Graduação de Geografia – Universidade Federal do Paraná - UFPR (Curitiba-PR), participante do grupo de pesquisa Turismo e Sociedade. Graduação em Turismo (Bacharelado) pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO - Campus Irati, Paraná. *E-mail:* luana_baldissera@yahoo.com.br

² Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP. Professor da Universidade Federal do Paraná junto ao Curso de Graduação em Turismo e no Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Geografia. *E-mail:* migbahl@ufpr.br

Os moradores locais são responsáveis pelo bom acolhimento do turista, afinal eles terão contato direto com os mesmos e principalmente são eles que irão ter seu espaço posto para observação e fruição do turista. Por meio deste contato de turistas e residentes é possível verificar que muitos impactos acontecem. Assim, a proposta deste trabalho é fazer uma reflexão teórica sobre a relação entre turistas e moradores locais e os impactos originados.

2 TURISTA X MORADOR LOCAL

Quando se fala de turistas e moradores locais, fala-se de dois grupos importantes para o desenvolvimento da atividade turística, entretanto essa relação é muitas vezes considerada uma relação conturbada, pois ao tempo em que uns estão interessados no lazer, em desfrutar do local, os outros estão preocupados com os negócios, com os lucros. Estes muitas vezes vêem sua cidade se transformar em função do fluxo de turistas que ali passam.

Na verdade, o que existe entre esses dois grupos é uma necessidade de relação, já que um depende do outro, por isso muitas vezes eles se suportam, sendo que a população local acaba saindo no prejuízo, pois sofre com os impactos. Flores e Silva (2001, p. 178) comenta sobre a atitude dos turistas nos destinos turísticos:

Existe uma falta de consciência quanto às responsabilidades individuais de cada pessoa com o “outro”, com pouca ou nenhuma participação ou respeito pelas normas e condutas locais. À exceção do turista explorador, que tenta se integrar e interagir com a população receptora, inclusive aprendendo seu idioma os demais tipos de turistas raramente tem essa preocupação [...]. Grifo da autora.

Quer dizer, que ao chegar a um local muitos turistas não se importam ou não se dão conta com o modo que agem e se trazem benefícios ou malefícios ao destino e aos moradores locais.

O turismo de massa contribui para que isto aconteça, pois nesta categoria as viagens são fechadas, sem espaço para a troca de informação. Para embasar esta afirmação Krippendorf (2003, p. 84) corrobora mencionando que “a massificação da viagem, a organização racionalizada e o desenvolvimento padronizado impedem mais uma vez as relações calorosas e qualquer tipo de troca intelectual”.

A massificação traz grupos com perfis diferentes, vindos de distintos lugares, mas que têm algo em comum, aproveitar a viagem. Por outro lado, os moradores se deparam com muitos turistas e sabem que vão ter que “aturá-los” por alguns dias, fazendo todas as suas vontades e vendo-os, por vezes, destruírem seu ambiente. (KRIPPENDORF, 2003). Talvez assim se possa explicar o maior interesse de contato destes, o contato econômico.

Sobre isso, Marcom (2007, p. 350-351) mostra que na comunidade dos Índios Guarani localizada em São Miguel das Missões, o turismo traz apenas efeitos econômicos para a comunidade:

A venda do artesanato constitui o único momento em que o turista entra realmente em contato com os índios, numa relação marcada pela troca comercial e não para cumprir o papel que o conceito de turismo cultural engloba, pois não satisfaz a sua premissa da busca do conhecimento do modo de ser do outro indivíduo enquanto representante de uma cultura.

Defendendo a ideia de que o único interesse é o econômico, Krippendorf (2003, p. 83) destaca que a relação existente entre turistas e autóctones não é verdadeira. [...] “eu chegaria até a dizer que as relações entre turistas e autóctones são de tal porte que as oportunidades de se estabelecer contatos humanos verdadeiros são mais fracas do que nunca”. Já para Pearce (2001, p. 147), os turistas não precisam da relação com os moradores locais para aproveitar suas férias, “eles podem atravessar a paisagem numa pequena bolha cultural da sua própria nacionalidade”.

As opiniões e divergências sobre o assunto são muitas, porém é importante não banalizar a relação dos turistas e moradores, sobre isto expõe-se o índice de irritabilidade de Doxey, (DIAS 2003, p. 102)³, em que buscou descrever a evolução gradativa dos sentimentos da população receptora na sua relação com os turistas. O mesmo é constituído de quatro estágios: euforia, apatia, irritação e antagonismo.

No primeiro estágio, **euforia**, os residentes se mostram felizes com o desenvolvimento do turismo no local, pois sabem que os turistas lhes trarão benefícios. Nesse estágio, os visitantes e os investidores são bem-vindos, e a comunidade local exerce um mínimo de planejamento e controle sobre suas atividades.

³ Doxey, G. V. A. (1972) A causation theory of visitor-resident irritants: methodology and research inferences. In 6th Annual Conference. San Diego. Travel Research Association, 1972. p. 195-198.

O segundo estágio, denominado **apatia**, é caracterizado pelos residentes que aceitam os visitantes e as relações entre eles tendendo a formalidade. Já na terceira fase, surge o sentimento de **irritação**, que ocorre quando o local atingiu o ponto de saturação. Os residentes passam a questionar a presença dos turistas e a necessidade da “indústria turística”, as autoridades locais por sua vez passam a preocupar-se com o aumento do nível de infraestrutura necessária na região.

Na última fase do índice crescente de irritabilidade, denominado **antagonismo**, as manifestações dos residentes contrárias aos turistas são expressas abertamente, tanto física como verbalmente, enquanto as autoridades locais buscam com o planejamento formas de aumentar o nível de promoção da região para superar qualquer imagem negativa que tenha sido criada pelo antagonismo.

Ruschmann, (1997, p. 47)⁴ complementa esse modelo com o 5º estágio, o **arrependimento**, em que os moradores se conscientizam de que a atividade turística proporcionou mudanças e que eles nada fizeram para minimizá-las, porém não há o que fazer, eles terão que conviver com o seu ambiente modificado.

Um estudo realizado – para identificar qualitativamente e quantitativamente a percepção dos moradores do local em relação às mudanças sociais ocorridas pelo desenvolvimento da atividade turística – em Brotas São Paulo mostra como esse índice é importante para o conhecimento de impactos e como é importante dar voz aos moradores locais. A cidade ficou conhecida pelos seus atrativos naturais, tornando-se conhecida como a capital paulista dos esportes de aventura. Barrocas e Oliveira (s/ano, p. 52) expõem a mudança que ocorreu no destino:

[...] a população da cidade foi levada a conviver com esta nova realidade. As agências de turismo foram sendo instaladas, propagandas sendo divulgadas na mídia escrita e falada, pousadas e hotéis sendo construídos e adaptados às construções locais e, para completar, houve a invasão de cerca do triplo do número de habitantes em feriados e férias escolares. Todos estes acontecimentos ocorreram em menos de dez anos.

Ao realizar sua pesquisa as autoras constataram que o estágio em que a população se encontrava era o da euforia, porém foi possível perceber que os moradores notaram algumas diferenças na sua cidade com a vinda dos turistas.

⁴ MATHIESON, A. e WALL, G. Tourism: economic, physical and social impacts. Nova York, Logman, 1988.

As diferenças entre os dois grupos acontecem, pois eles têm motivações diferentes, entretanto estas podem gerar danos irreparáveis para os moradores, Dias e Aguiar (2002) cometam que:

No relacionamento, os residentes têm a perspectiva de obter um ganho econômico no contato com os visitantes, no entanto ocorrem outras experiências de fundo social cultural que não eram esperadas, e muitas vezes indesejadas.

Como visto até o momento, moradores e turistas têm suas perspectivas quanto à atividade turística, porém como verificou-se na apresentação de comentários dos vários autores aqui abordados, algumas experiências inesperadas podem acontecer. Surgem assim os impactos turísticos.

3 IMPACTOS TURÍSTICOS: DA TEORIA A REALIDADE

As modificações que ocorrem nos destinos turísticos, causadas pela passagem de turistas e conseqüentemente pelo desenvolvimento da atividade, são chamadas de impactos do turismo. Ruschmann (1999, p. 34) explica que:

Os impactos do turismo referem-se à gama de modificações ou à seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras. As variáveis que provocam os impactos têm natureza, intensidade, direções e magnitude diversas; porém, os resultados interagem e são geralmente irreversíveis quando ocorrem no meio ambiente natural.

Após as palavras da autora, deve-se ressaltar que o processo do desenvolvimento turístico gera modificações nos destinos, as quais produzem impactos muitas vezes irreversíveis.

Desta feita, os impactos turísticos gerados nas localidades receptoras podem ser tanto positivos quanto negativos, surgindo como consequência da interação entre o turista, comunidade e os meios receptores (RUSCHMANN, 1999). De acordo com a mesma autora (1999) serão expostos os impactos, econômicos, sociais, culturais, e sobre o meio ambiente natural.

Portanto, para uma melhor visualização das consequências geradas pelos impactos, se considerou necessária sua exposição em quadro, elaborado pelos autores, a partir dos impactos positivos e negativos vistos em Ruschmann (1999).

QUADRO 1 – CONSEQUÊNCIAS GERADAS PELOS IMPACTOS DO TURISMO

IMPACTOS	POSITIVOS	NEGATIVOS
Econômicos	Geração de empregos	Atividades primárias são deixadas de lado pela população
	Expansão de construção	Inflação e exploração imobiliária
	Incremento da renda dos habitantes	Sazonalidade da demanda
	Ingresso de moedas estrangeiras fortes	Dependência excessiva do turismo
	Modificação positiva da estrutura econômica e social	
Cultural	Valorização do artesanato	Descaracterização do artesanato
	Volta da apreciação da cultura, teatro, música, gastronomia.	Vulgarização das tradições
	Orgulho étnico	
		Arrogância cultural
	Valorização e preservação do patrimônio	Destruição do patrimônio
Sobre o meio ambiente	Criação de planos e projetos para proteger o meio natural	Modificação das áreas naturais do destino
	Preocupação com o meio ambiente	Interação do fenômeno turístico sobre o meio natural, agredindo a vegetação, paisagem
		Ocupação e destruição das áreas naturais que se tornam urbanizadas e poluídas pela presença de turistas
Social		Desejo de adotar os hábitos de consumo e o comportamento dos turistas
		Resignação quando o habitante percebe que não pode atingir o padrão de vida dos turistas
		Urbanização do modo de vida
		Prostituição
		Criminalidade nas regiões do Terceiro Mundo

FONTE: elaborado pelos autores.

Em complemento e para melhor explicitar os impactos turísticos, foi utilizada como base referencial a pesquisa de Teresa Mendonça constante na sua Dissertação de Mestrado (MENDONÇA, 2004), em que a mesma estudou a comunidade de Canto Verde no litoral Cearense.

Conforme Ruschmann (1999) e Ignarra (2003), os impactos econômicos positivos causados pelo turismo nos destinos, são importantes, pois trazem mudanças positivas tanto nas economias já desenvolvidas, quanto nas em desenvolvimento. Mas ao mesmo tempo em que beneficiam o local, trazem dúvidas quanto ao andamento da atividade

fazendo com que alguns destinos dependam totalmente dela, mesmo sem estarem preparados para recebê-la.

A geração de empregos é vista como um dos impactos econômicos positivos gerados no destino, muitos dos moradores locais têm a oportunidade de mudar ou de iniciar um emprego a partir da atividade turística. O contato direto com os turistas também dá a oportunidade dos moradores ganharem gorjetas em outra moeda, elevando assim seus salários. Alguns moradores aproveitam para incrementar sua renda através da atividade, com os chamados empregos secundários. Porém, os empregos relacionados ao turismo podem levar ao abandono das atividades primárias.

Aqui, apresenta-se o relato de um jovem morador da comunidade de Canto Verde sobre a atividade turística, constante em Mendonça (2004, p. 87):

Eu tenho 25 anos, sou filho de pescador, pescador também e trabalho hoje, atualmente, com turismo. Minha renda complementar é o turismo [...]. O objetivo nosso aqui é conscientizar os jovens para que eles, primeiro, possam fazer turismo, que eles tenham acesso à conscientização de não vender a terra que é deles, para eles serem os próprios donos dos empreendimentos turísticos na comunidade, não só agora, mas como no futuro. Porque isso no futuro vai valer muito. E cada um que tem um pedaço de terra aqui tem que se conscientizar e valorizar. Porque essa terra é nossa, é das pessoas que moram, que nasceram aqui. E se não preservar, a gente vai chegar ao ponto de que agente não vai poder fazer turismo, porque não tem com que fazer turismo.

Inflação e especulação imobiliária são outros fatores que afetam a economia das localidades e, principalmente os moradores. De acordo com Ignarra (2003, p. 108) “a concentração de demanda em períodos muito curtos provoca inevitavelmente pressão de preços sobre os produtos e serviços turísticos”, assim como a valorização elevada dos terrenos e aluguéis das residências, atingindo diretamente os moradores locais, pois os lucros com a atividade turística nem sempre compensam os aumentos (RUSCHMANN, 1999).

Complementando o assunto, Krippendorf (2003) destaca o problema que os moradores passam, devido à especulação imobiliária:

Ao final, chega-se, às vezes, à situação em que o preço dos terrenos e os aluguéis pagos pelos estrangeiros são tão elevados que um autóctone não pode mais se dar ao luxo de morar na própria comunidade, e muito menos construir uma casa para morar. (KRIPPENDORF, 2003, p. 74-75)

A dependência ao turismo leva muitos países e localidades a sofrer economicamente. Um dos principais fatores que os leva a isto é a instabilidade de deslocamento dos turistas, que por algum motivo deixam de visitar o destino. Diante de tal situação, para Ruschmann (1999, p. 45) a saída se encontra “[...] na diversificação de suas atividades econômicas”. Assim, segundo Mendonça (2004), os moradores da comunidade de Canto Verde trabalham com a pesca, artesanato, trabalhos domésticos e aos poucos inseriram o turismo como atividade suplementar.

Dentre os impactos citados por Ruschmann, dois deles merecem atenção especial, pois afetam o íntimo e pessoal dos moradores, são eles: o cultural e social. Dias (2003, p. 127) os define como impactos socioculturais:

Podemos definir impactos socioculturais, com foco nas sociedades receptoras afirmando que são: o resultado de um tipo particular de relações sociais que ocorrem entre turistas e residentes como decorrência do estabelecimento do contato que provocam mudanças sociais e culturais na sociedade visitada – sistema de valores, comportamento individual, estrutura familiar, estilos de vida, manifestações artísticas, cerimônias tradicionais e organização social.

Sendo estes uns dos impactos que atingem diretamente os seus modos de vida e que são causados principalmente pela relação turista, morador, é preciso se ater a eles com mais destaque, por isso, serão analisados os impactos culturais e sociais separadamente.

Inicialmente é importante esclarecer que a cultura é um fator primordial para o conhecimento e a valorização de determinado povo, pois é através dela que os seus costumes, tradições e o modo como vivem, são passados de geração em geração, sabendo disto, muitos turistas têm o desejo de conhecer, participar, e experimentar culturas diferentes da sua, fator esse que os leva a viajar em busca de determinado povo e de sua cultura. Diante disto, Ruschmann (1999, p. 50) observa que:

É impossível desconsiderar a cultura como uma das mais importantes motivações de viagens turísticas. Entretanto, o desejo de conhecer os modos de vida de outros povos nem sempre vem acompanhado do devido respeito, da devida consciência do valor e do legítimo interesse por parte dos visitantes.

Após tal observação, é possível verificar que os impactos culturais merecem um olhar especial, quanto ao seu desempenho diante das localidades, pois, como comentado pela autora, existe o interesse por parte dos turistas para conhecer novas culturas, mas como

em muitas das atividades no turismo, por vezes não há demonstração de educação e respeito às localidades e aos moradores.

Pode-se citar, que a procura pelo artesanato local, fez com que muitas localidades voltassem a produzir os produtos que já estavam extintos ou em desuso. Verifica-se que grande parte dos turistas gosta de comprar algo que lembre a cultura do local visitado, por isso, muitos destes produtos começam a ser valorizados por meio da atividade turística. É o caso da comunidade Canto Verde, em que se notou a valorização do seu artesanato com a vinda dos turistas (MENDONÇA, 2004). Porém, ao mesmo tempo em que ele é valorizado, é possível ver a sua descaracterização, quando ele é produzido unicamente para o consumo do turista.

Da mesma forma, acontece com as manifestações culturais, as quais em muitos lugares foram responsáveis pelo retorno da apreciação da sua cultura, do seu artesanato, do seu teatro, da sua música, da sua gastronomia. Mas em confronto, originou-se em alguns casos a vulgarização das manifestações tradicionais. A fim de reter a atenção do turista apresentam-se cenas e manifestações romantizadas de forma inexata, como se fossem um *show*. Geralmente estes *shows* são apresentados aos turistas em lugares confortáveis, com ar-condicionado, poltronas, espaços reservados, deixando-os à vontade, mas restringindo-os de manter contato com os nativos. Desta forma, pode surgir um sentimento de inferioridade dos nativos perante os turistas, caracterizando-se assim, a arrogância cultural. (RUSCHMANN, 1999).

Ainda de acordo com a autora, por sua vez, o orgulho étnico estimulado pela atividade, revela a volta do idioma, das canções e músicas folclóricas e, dos hábitos que os moradores costumavam ter. Quanto à preservação do patrimônio histórico, observa-se que os prédios e monumentos históricos, começam a chamar mais atenção dos governantes, de empresários da iniciativa privada e, até mesmo dos moradores que os conservam e restauram. Em virtude da circulação massiva dos turistas, muitos elementos do patrimônio acabam sendo depredados e sendo vítimas de vandalismo. Parece surgir um pensamento do tipo: para que conter a destruição dos patrimônios, os originais são substituídos por réplicas, mantendo-os mais seguros.

No momento em que se iniciam as mudanças produzidas pelo turismo na sociedade local, ali se encontra o impacto social. Este atinge diretamente a identidade dos habitantes locais, por isso deve-se ter atenção redobrada sobre ele.

Um dos impactos sociais negativos observados pelos moradores do Canto Verde (MENDONÇA, 2004) foram o aumento do consumo de drogas e a prostituição. Isto se explica pelo fato de que, a passagem de um grande número de turistas pela localidade, estimula os habitantes a mudar de hábito, a desejar coisas diferentes – roupas de marcas, produtos importados, drogas, dentre outras – só para ficar parecido com o turista. Assim, começam a roubar, usar drogas e se prostituir.

Outro exemplo observado foi com a pesquisa de Krippendorf (2003, p. 75), que mostra como uma população não preparada para receber os turistas se sente após alguns anos de atividade no local. A maioria dos moradores identificou pontos negativos encontrados após o progresso econômico gerado pelo turismo, entre eles: 79% disseram que - as pessoas só pensam em dinheiro; 53% - o espírito comunitário desapareceu; 46% - há muitos estrangeiros; 45% - o aspecto da localidade foi desfigurado; 44% - a coesão familiar se degradou; 43% - a paisagem foi desfigurada; e 26% - apenas uma minoria beneficiou-se do turismo. Esta pesquisa mostra como é essencial escutar e sondar a população local, que na maioria das vezes na ânsia de obter lucro sobre o turismo, não pensa que ele pode gerar vários problemas, como os apontados na pesquisa.

Os efeitos negativos causados na sociedade pelo turismo, não influenciam somente os responsáveis por ele, mas sim grande parte da população que muitas vezes não tem relação com a atividade. É preciso um aprofundamento maior sobre o tema, por parte dos responsáveis, para que possa haver “um equilíbrio entre o desenvolvimento turístico e a proteção da identidade das populações receptoras” (RUSCHMANN, 1999, p. 50).

Mediante isto, Krippendorf (2003, p. 76) deixa uma inquietação imprescindível, muitas vezes deixada de lado por muitos dos destinos turísticos:

Como calcular a influência do turismo sobre os hábitos, os costumes, as tradições e as normas locais, ou os atentados cometidos contra a vida familiar e social da comunidade, a degradação da língua do país, o declínio cultural causado pela adaptação ao gosto estrangeiro, a comercialização do folclore e a prostituição cultural?

Após a exposição de todos estes impactos sofridos, muito mais negativos do que positivos, ficam outras indagações: Será o turismo a salvação ou a perdição? Até que ponto é viável a implantação da atividade turística em uma localidade?

Neste sentido, é preciso tomar cuidado quanto ao desenvolvimento da atividade turística, a esse respeito, Ruschmann, (1999, p. 103)⁵, cita Butler que propõe um ciclo, em que se tem todas as fases – da interferência turística – sofridas pelos destinos. Iniciada com a fase da **exploração**, objetivando o lucro, a população local demonstra algumas facilidades para os primeiros visitantes criando um mercado forte e fiel.

A próxima fase encontrada no ciclo é a do **desenvolvimento**, na qual a população deixa de participar e ter o controle dos empreendimentos. São criados pelas organizações externas mais empreendimentos que incentivam a entrada de mais visitantes. Na **consolidação** o domínio já é das empresas e serviços multinacionais, cuja participação permite controlar os custos e manter a competitividade com as outras destinações.

A **saturação** é a fase em que a demanda alcança seu apogeu, aí a destinação começa a decair na preferência dos turistas. Precisando de turistas, os preços baixam e passam a atrair a demanda de menor poder aquisitivo, dando margem ao turismo de massa. O local começa a perder sua atratividade, pois as atrações envelhecem e saem de moda. Começa aí a fase do **declínio**, porém, se o destino quiser recomeçar é possível, através da fase do **rejuvenescimento**.

Esta proposição destas fases permite que se tenha um olhar mais crítico quanto ao desenvolvimento das destinações turísticas. Nota-se que o desenvolvimento muitas vezes não é planejado, sendo que o objetivo é tão somente o lucro por parte dos investidores, que acabam possuindo grande parte dos empreendimentos explorando de todas as formas possíveis o local e seus habitantes para atrair os turistas.

Na comunidade de Canto Verde, Mendonça (2004) cita que houve preocupação em relação à implantação da atividade turística. Ao perceber que a atividade turística estava se tornando um negócio e que lhes proporcionava melhorias econômicas, os moradores criaram uma Associação e com a ajuda da Universidade Federal do Ceará – UFC formaram uma Cooperativa.

Com a Cooperativa o turismo se tornou um negócio levado a sério, que gera benefícios à comunidade inteira. Com a ajuda da UFC os moradores tiveram retorno do lucro deixado pelos turistas, oficinas de qualificações foram realizadas com os moradores que fazem parte da Cooperativa e com todos que se sentiam a vontade para participar.

⁵ BUTLER. R. W. The concept of a tourist area life cycle of evolution implications for management of resources. **Canadian Geographer**, v. 24, n. 1, p 5-12. 1980.

Desta forma é importante salientar que para o turismo acontecer de forma responsável no destino, a comunidade deve ser inserida nesse processo, não só participar escutando, mas sim expondo suas ideias e opiniões, assim acontecendo com a prainha de Canto Verde. Conforme relato contido em Mendonça, (2004, p. 114):

Sabe por que nós não queríamos o turismo? Porque a gente viu que todas as pessoas de Canoa Quebrada que têm alguma coisa em Canoa não são daqui, são do exterior. As pessoas que têm restaurante na Canoa Quebrada.... italiano... tem uma pousada, é americano. Então o nativo lá é expulso. Então aqui nós não queríamos que isso acontecesse. Por isso que nós somos diferentes. Qualquer coisa que tem aqui é do nativo. Como só mora nativo, só pode ser nativo. Por isso nós fechamos que só poderia morar nativos ou pessoas ligadas a nativos (J. F, janeiro 2003.).

Em suma, ao participar do planejamento e das atividades os moradores têm voz, entendem como o turismo funciona e querem que o turismo aconteça, assim, os turistas serão bem recebidos, conseqüentemente a relação dos dois grupos se tornará melhor e os impactos podem diminuir.

4 CONCLUSÃO

Do contato entre turistas e moradores surgem divergências no seu relacionamento. Como exposto a grande questão que os envolve acaba sendo a de interesse econômico e comercial. Desta feita, novos ingredientes se interpõem nestas relações humanas. É preciso mais educação do turista perante o outro, o lugar do outro, é preciso repensar as suas atitudes. Quanto aos moradores, é imprescindível chamá-los ao planejamento turístico da sua comunidade, pois, assim terão maior interesse de participar da atividade turística. Esses são fatores que podem ajudar os dois grupos a se compreender melhor e desenvolver o turismo de forma mais justa e compensatória para ambos.

Referências

BARROCAS, R; OLIVEIRA, L. A **(trans)formação do turismo no município de brotas, SP:** a relação entre o morador e o turista. Disponível em: <[http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/a_\(trans\)formacao.pdf](http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/a_(trans)formacao.pdf)>. Acesso em: 02/08/2012.

DIAS, R; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo:** conceitos, normas e definições. Campinas: Alínea, 2002.

DIAS, R. **Sociologia do Turismo**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

FLORES e SILVA, Y. Pobreza violência e crime: Conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social. In: BANDUCI JÚNIOR, A; BARRETTO, M. (orgs.). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 175-196.

IGNARRA, L, R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo. Pionera Thompson Learning, 2003.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Trad., Contexto Traduções. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

MARCOM, E. M. G. O turismo como agente de desenvolvimento social e a comunidade Guarani nas “Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões”, v. 5, 2007. **Revista Pasos**. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/5307/PS060307.pdf>>. Acesso em: 02/08/2012.

MENDONÇA, T, R. Turismo e participação comunitária: **‘Prainha do Canto Verde, a “Canoa” que não quebrou e a “Fonte” que não secou?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Dissertação de Mestrado em Psicologia de Comunidade e Ecologia Social.

PEARCE, P, L. A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: THEOBALD, W, F. **Turismo Global**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 145-164.

RUSCHMANN, D. V de M. **Turismo e Planejamento Sustentável**. São Paulo: Papirus. 1997.

RUSCHMANN, D, V. de M. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1999.